

Dr. Dave Mathewson, Apocalipse, Aula 10

Apocalipse 5 e 6

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 10, Apocalipse 5 e 6, o Cordeiro e a Introdução aos Selos do Pergaminho.

O Cordeiro e a Introdução aos Selos do Pergaminho. Assim, Cristo pegou o rolo da mão direita daquele que estava sentado no trono, o rolo que contém o plano de Deus para estabelecer o seu reino.

E o ponto principal do capítulo 5, como vimos, é que Jesus é digno, o único digno de pegar o livro. E isso porque ele é o cordeiro abatido, aquele que é morto. Foi ele quem comprou pessoas de toda a humanidade para serem um reino de sacerdotes, como veremos.

E é com base na sua morte, na sua morte sacrificial na cruz, como o cordeiro pascal, talvez também como o cordeiro servo sofredor em Isaías 53, que Jesus agora é digno de pegar o livro e abrir seus selos, o que significa que ele agora colocará seu conteúdo em movimento. O resto do capítulo 5, então, é na verdade uma resposta ao que acontece no versículo 7, começando com o versículo 8, onde começamos a ver a resposta do céu a este ato. Portanto, do capítulo 8 até o restante do capítulo 5 será a resposta de todo o céu.

Já fomos apresentados aos 24 anciãos e às quatro criaturas viventes, mas seremos apresentados a outros seres angélicos que habitam a sala do trono celestial. O restante do capítulo 5 irá articular a sua resposta ao que aconteceu no versículo 7, com o cordeiro pegando o livro. Observe quantas vezes a palavra receber ou receber, dependendo da sua tradução, ocorre nos versículos 8 até o final do capítulo 5, porque o restante desta seção é na verdade uma seção de hinos.

Fomos apresentados a alguns hinos que foram cantados pelos 24 anciãos e quatro criaturas viventes no capítulo 4, mas agora veremos cantos e hinos cada vez mais extensos por seres angélicos enquanto celebram este evento no versículo 7 do cordeiro pegando o pergaminho. E todos esses hinos, eu acho, funcionam então para interpretar o versículo 7 ou para interpretar a cena nos versículos 1 a 7 do que acabou de acontecer. Agora, um texto importante para ter em mente que está por trás do capítulo 5 especialmente, e dissemos que os capítulos 4 e 5 pertencem um ao outro.

Uma das coisas que sugere isso é que não apenas ocorrem imagens semelhantes, como o trono e aquele que está sentado no trono, e os 24 anciãos e quatro criaturas viventes, e alguns dos personagens e características semelhantes, mas também o

fato que os mesmos textos do Antigo Testamento estão por trás de ambos. Estes são os capítulos 1 e 2 de Ezequiel, bem como o capítulo 6 de Isaías. Ambas as visões da sala do trono feitas pelos profetas agora fornecem o modelo para a visão de João. Há outro texto importante que entra particularmente em cena no capítulo 5, e esse é um texto que já vimos desempenhar um papel no capítulo 1, onde Jesus aparece a João numa visão inaugural para comissioná-lo a dirigir-se às sete igrejas, onde Jesus é retratado como o Filho do Homem, Filho do Homem exaltado em cumprimento de Daniel capítulo 7. E em Daniel capítulo 7, especialmente versículos 13 e 14, isto é o que lemos : Na minha visão, de noite olhei, e ali diante de mim estava alguém semelhante a um Filho de homem, vindo com as nuvens do céu.

Ele se aproximou do Ancião de Dias e foi levado à sua presença. Então, Jesus aqui no capítulo 5, aproximando-se daquele que está sentado no trono. E agora, no versículo 14, Ele recebeu autoridade, glória e poder soberano.

Todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não passará, e seu reino é um domínio que nunca será destruído. Assim, Daniel capítulo 7, que retrata o Filho do Homem aproximando-se do trono, o Ancião de Dias, sentado no trono, agora recebe autoridade e poder, agora recebe dele um reino e entra em seu governo real.

Isso agora se cumpre com o Cordeiro entrando em seu governo ao receber o rolo daquele que está sentado no trono e receber poder e autoridade. Na verdade, veremos que é exatamente isso que os hinos celebram. Os hinos celebram a recepção de poder, autoridade, poder, sabedoria, glória e honra.

As mesmas coisas que encontramos antecipadas em Daniel capítulo 7. Portanto, este ato no capítulo 5 é o cumprimento de Daniel capítulo 7, onde agora Jesus recebe sua autoridade real. O que isto significa é que quando lemos o capítulo 5, provavelmente não deveríamos ler isto tanto como, ou apenas como, uma cena de entronização, como se Jesus agora fosse levado ao trono e agora estivesse sentado no trono, mas sim vê-lo como o que David Aune, em seu comentário, chama de cena de investidura. Ou seja, Jesus está agora investido de autoridade e poder, e é disso que trata a pergunta 3.

Na verdade, quem é digno de receber, pegar este pergaminho e abri-lo? Quem tem a autoridade? Quem é digno de fazer isso? E agora, Cristo é celebrado, este evento é celebrado, pois Cristo está agora investido com o poder e a autoridade para tomar o pergaminho, isto é, para receber o reino de Deus, e agora para promulgar o conteúdo do pergaminho. O que quero fazer então é, como fizemos em outros textos, simplesmente destacar algumas das características mais importantes desta seção, especialmente os versículos 8 a 12, que, novamente, é uma espécie de celebração hínica do que acontece no versículo 7, e isso é Cristo agora recebendo autoridade para pegar o pergaminho e abri-lo. Em primeiro lugar, observe o

significado, mais uma vez, que as imagens do templo desempenham no capítulo 5, e já vimos algumas características nos capítulos 4 e 5 que sugerem que esta não é apenas uma imagem do céu, mas o céu é sendo concebido como templo de Deus, um templo celestial onde Deus habita, e um deles é a presença dos touros de ouro.

Observe o versículo 8, e quando o tomou, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro ; cada um tinha uma harpa e seguravam touros de ouro cheios de incenso. Os touros de ouro provavelmente sugerem aqueles touros que estavam na mesa da presença no Tabernáculo em Êxodo capítulo 25, por exemplo. É interessante que os touros de ouro ocorram pelo menos doze vezes ao longo do livro do Apocalipse, e aqui, novamente, funcionam para indicar que este deve ser visto como um templo celestial.

Talvez os anjos, as quatro criaturas e os vinte e quatro anciãos devam ser retratados como tendo uma função sacerdotal pelo fato de segurarem esses touros de ouro, mas o importante é que eles contêm incenso, que o autor identifica como a oração dos santos no versículo 8. Agora, isso se tornará importante porque mais tarde, especialmente no capítulo 6, no quinto selo, o incenso, e mais tarde em Apocalipse, o incenso será identificado como a oração dos santos , ao qual Deus responde. Essa é Deus, a oração dos santos para vindica-los, para mostrar que o sofrimento deles não foi em vão, para trazer a vindicação, que é retratada como a oração dos santos. Então, o que isso significa é que devemos ver o restante dos capítulos 6 a 20, de certa forma, como uma resposta à oração dos santos, que são identificados com os touros cheios de incenso.

Então, veremos isso enquanto trabalhamos em Apocalipse e veremos os touros dourados surgirem e como eles funcionam às vezes. A segunda coisa a notar sobre esta seção é como nos versículos 8 até o final do capítulo 5, o céu irrompe em adoração. Em resposta ao versículo 7, o céu irrompe em adoração em círculos concêntricos cada vez maiores.

Então, novamente, você tem esta imagem onde o trono está no centro de todas as coisas, e então a resposta celestial se move para fora em círculos concêntricos cada vez mais amplos. Então, observe no versículo 8, são os 24 anciãos e os quatro seres viventes que, no versículo 9, cantam esse cântico. Você é digno de pegar o rolo, e observe isso, ligando-o ao versículo 7, e abrindo seus selos.

A razão é que você foi morto e com seu sangue comprou pessoas para Deus de todas as tribos, línguas, povos e nações. Tu os fizeste ser um reino de sacerdotes para servir ao nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra. Então, começando com os 24 anciãos e os quatro seres viventes aos quais fomos apresentados no capítulo 4, agora eles são os primeiros ao redor do trono a cantar um cântico de louvor celebrando o que aconteceu no versículo 7, a tomada do livro pelo Cordeiro. .

Eles dão a razão aqui claramente porque ele foi morto e, através de sua morte, comprou a salvação para a humanidade. Mas observe, em segundo lugar, no versículo 11, João diz: Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, em número de milhares e milhares, e dez mil vezes dez mil. Eles cercaram o trono e as criaturas viventes e os anciãos.

Então, agora você tem outra camada, as miríades de anjos, ou milhares e milhares, e dez milhares e milhares, circundando o trono, e eles também cantam: Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber poder, riqueza e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. Mas então, finalmente, no versículo 13, João diz: Então ouvi toda criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e no mar, e tudo o que neles há. Então, agora você tem um círculo que abrange basicamente toda a criação, cantando: Ao que está assentado no trono, no versículo 13, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o poder, para todo o sempre.

Assim, o céu irrompe em adoração em círculos concêntricos cada vez mais amplos, centrados em torno do trono, onde, eventualmente, todas as coisas, toda a criação, se concentram no centro. Novamente, tudo flui do centro. O governo de Deus e tudo o que vai acontecer nos capítulos 4 a 22, na verdade, 6 a 22, depois do capítulo 5, tudo flui do centro, do trono e, eventualmente, toda a criação se junta na adoração.

Talvez o que vemos aqui seja uma antecipação da cena final nos capítulos 21 e 22, onde toda a criação fica então sob o governo de Deus e reconhece a soberania de Deus. Número três, a terceira coisa a dizer é o ponto deste capítulo, especialmente naquele primeiro hino que os 24 anciãos e quatro seres viventes cantam, e também a visão de Cristo no capítulo 5, versículos 5 e 6, é que o O Cordeiro é digno precisamente porque através da sua morte na cruz, ele realizou a redenção para a humanidade. Uma coisa interessante que já vimos é que o autor forja um conceito interessante de superação ou conquista.

E lembre-se, dissemos que a cena começou com João ouvindo que havia alguém que era digno de abrir o livro, alguém que havia vencido e feito isso porque era o leão da tribo de Judá. Quando João se vira para ver essa pessoa, o que ele vê não é um leão, mas um cordeiro morto. Curiosamente também, este cordeiro é descrito nos versículos 5 e 6 como tendo sete chifres com sete olhos, o que novamente parece conotar uma imagem muito militarista e conota poder e força.

Na verdade, esta imagem de um cordeiro de sete chifres ocorre em outras partes da literatura apocalíptica judaica, por exemplo. Este é um texto de um dos primeiros apocalipses que não são encontrados no Antigo ou no Novo Testamento, mas é muito comum em um influente apocalipse chamado livro de 1 Enoque. Em uma de suas visões, usando animais para simbolizar diferentes pessoas e nações, ele visualiza um cordeiro que tem chifres e tem força e grande poder militar.

E este é 1 Enoque, capítulo 90. O autor diz: Então eis que nasceram cordeiros das ovelhas brancas como a neve, e elas começaram a abrir os olhos e a ver, e clamaram pelas ovelhas. Mas, quanto às ovelhas, elas clamaram a elas em voz alta, mas não deram ouvidos ao que os cordeiros lhes diziam.

Mas eles ficaram extremamente surdos e seus olhos ficaram extremamente turvos. Então eu tive uma visão de corvos voando sobre os cordeiros, e eles agarraram um daqueles cordeiros e, então, esmagando as ovelhas, eles as comeram. Continuei vendo até que aqueles cordeiros criaram chifres, mas os corvos esmagaram seus chifres.

Então continuei olhando até que um grande chifre brotou em uma das ovelhas e ele abriu seus olhos. Eles tiveram uma visão e seus olhos foram abertos. E ele clamou em voz alta às ovelhas, e todos os carneiros o viram e correram para ele. Vou parar por aí, mas a questão é: observe a imagem de uma ovelha com chifres sugerindo poder e força.

Mas mais uma vez João reinterpreta que ao demonstrar, pelo menos inicialmente, que o cordeiro vem para conquistar, o cordeiro com chifres vem para conquistar, mas o faz como um cordeiro morto, como quem compra, quem é digno de abrir o livro, porque ele foi morto e, através de seu sangue, comprou e redimiu a humanidade para si mesmo. O próximo ponto a notar é que nesta seção já vimos indícios disso, no sentido de que o cordeiro parece ser uma característica única, uma pessoa única. Isto é, João já procurou por toda a terra, e debaixo da terra, e por todos os céus, e não encontrou ninguém digno.

Então, o cordeiro, agora que o cordeiro foi considerado digno e pode simplesmente subir e tirar o livro da mão direita daquele que está no trono, surge a pergunta: que tipo de pessoa é essa? Que tipo de cordeiro é esse? Isto é diferente de qualquer outra pessoa na terra, debaixo da terra ou mesmo nos céus. Mas agora, no restante desta seção, nesta seção de hinos, acho que encontramos uma das declarações mais fortes da divindade de Cristo em qualquer lugar do Novo Testamento. Observe que Cristo recebe parte da mesma adoração que Deus recebe no capítulo 4. Por exemplo, observe no versículo, especialmente no versículo 12, digno é o cordeiro que foi morto de receber poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, glória e louvor.

Volte ao versículo 11 do capítulo 4, o hino cantado a Deus. Você é digno, nosso Senhor e Deus, de receber glória, honra e poder, pois você criou todas as coisas, e por sua vontade elas foram criadas e existem. Então, Jesus Cristo realmente recebe, mesmo com palavras idênticas, poder, glória, força e honra, recebe exatamente a mesma adoração de Deus que Deus recebeu no capítulo 4. Agora, Jesus Cristo recebe no capítulo 5. E o que é significativo o que importa é que ele recebe esse louvor no contexto de uma adoração estrita e monoteísta.

Isto é, se você voltar ao capítulo 4, a cena no capítulo 4 não teria sido incomum ou algo novo, com Deus sentado em seu trono, e soberano sobre toda a criação, e recebendo a adoração de todo o céu. Isso não teria sido estranho ou surpreendente para nenhum leitor judeu. Mas o capítulo 5 introduz uma reviravolta.

Num contexto tão monoteísta, no capítulo 4, onde Deus, como o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, é o único digno de adoração, e adorar qualquer outra coisa na criação é pura idolatria. Agora, afirma o autor, Jesus Cristo não apenas recebeu a mesma adoração que Deus recebeu no capítulo 4 pelas mesmas pessoas, mas agora também o faz colocando Jesus exatamente no mesmo trono. Veja, por exemplo, o versículo 13.

Então ouvi todas as criaturas que estão no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que estão no mar, e todos os que estão nos céus, cantando àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro. Então, agora, este último hino adora a Deus no trono e ao Cordeiro ao mesmo tempo. O que é mais interessante é que duas vezes em Apocalipse vemos este evento muito interessante.

Ocorre no capítulo 19 e também no capítulo 22, bem no final do livro. E vou ler aquele do capítulo 22 no final do livro. Bem no final de sua visão, onde um ser angélico levou uma espécie de João em um passeio, ele lhe mostrou a nova Jerusalém, e agora, bem no final de sua visão, ele se dirige a João e aqui está o que acontece no versículo 8. Eu, João, fui aquele que ouviu e viu essas coisas, e quando as ouvi e vi, prostrei-me para adorar aos pés do anjo que estava me mostrando essas coisas.

Mas o anjo me disse: Não faça isso. Sou conservo com você e com seus irmãos, os profetas, e de todos os que guardam as palavras deste livro, adorem a Deus. E isso acontece duas vezes.

Em outras palavras, até mesmo esse ser angélico recusou adoração porque somente Deus é digno de adoração. Então, neste tipo de contexto onde apenas Deus é digno de adoração e nenhum outro ser, no entanto, exaltado como um ser angelical, é digno de adoração, como alguém pode ter Jesus Cristo no mesmo trono que Deus e receber a mesma adoração que ele? Deus? Em outro lugar, é interessante o que o autor irá retratar, já vimos isso em uma das cartas às igrejas, que os próprios santos se sentarão no trono e governarão com Cristo. Mas algo muito diferente está acontecendo aqui.

Os santos não são adorados como criadores de tudo e como dignos de adoração. Somente o Cordeiro é retratado como digno de adoração e de Deus, mas num contexto estritamente monoteísta. Em outras palavras, o que o autor está fazendo é que, em certo sentido, Jesus Cristo participa então do próprio ser e essência de Deus.

Como pode Jesus ser adorado sem violar o monoteísmo estrito, de que só existe um Deus digno de adoração? E adorar qualquer outra coisa é idolatria, a menos que de alguma forma Jesus participe do próprio ser de Deus. Então, esse é o tipo de coisa que resultou nos credos nicenos posteriores e na cristologia calcedônia que afirmaram a divindade de Cristo e que Jesus Cristo era a segunda pessoa da Divindade e compartilhava da própria essência e do ser de Deus. Sem usar esse tipo de linguagem, já encontramos aqui essa ideia em ter Jesus Cristo como objeto de adoração, a mesma adoração que Deus recebe, sem em nenhum sentido violar o monoteísmo estrito.

Outro ponto a enfatizar no versículo 9 é que é interessante que o cântico que os seres viventes e os 24 anciãos cantam seja chamado de cântico novo. Esta palavra novo ou novidade é significativa porque reflete uma ideia importante de que Deus através de Jesus Cristo vai estabelecer uma nova criação, o que acontece no capítulo 21 e versículo 22. Mas já ao cantar um novo cântico, é como se Cristo já tivesse inaugurado a nova criação através da sua morte na cruz e do estabelecimento de um reino de sacerdotes, que novamente no capítulo 22 do Apocalipse termina com o povo de Deus funcionando como reis e sacerdotes.

Eles funcionam como sacerdotes na presença de Deus e reinarão para todo o sempre. Mas essa nova criação já foi inaugurada através da morte de Jesus Cristo e da compra da humanidade para se tornar o seu reino de sacerdotes. A nova criação já foi inaugurada e este texto celebra isso, mas também antecipa a nova criação consumada em Apocalipse 21 e 22, onde está o versículo 21 1, vi novos céus e uma nova terra.

Outro elemento significativo desta seção é aquele que já vimos, e é a salvação que Deus proporciona ao seu povo. O estabelecimento do seu reino que surge do trono e desta cena deve ser entendido como um novo Êxodo. Esse é o versículo que acabei de ler novamente.

Jesus é digno de pegar o livro porque foi morto e, com seu sangue, comprou homens para Deus ou pessoas para Deus de todas as tribos, línguas e povos, e os tornou um reino de sacerdotes. Vimos isso nos capítulos 1, 5 e 6, na introdução epistolar de Apocalipse, e agora é repetido aqui. Em outras palavras, o cordeiro abatido, o cordeiro morto, que dissemos, provavelmente lembra tanto Isaías 53 quanto o versículo 7, o cordeiro abatido na passagem do servo sofredor, mas também o cordeiro pascal.

Pelo sangue de Jesus, ele resgata a humanidade, liberta-a como fez com o seu povo no Êxodo, e depois liberta-a da escravidão e leva-a a tornar-se um reino de sacerdotes. Ele os estabelece e os cria para funcionarem como um reino de sacerdotes. Esta linguagem do reino dos sacerdotes indica uma conexão com Êxodo 19, 6, onde Deus conduz seu povo para fora do Egito e os estabelece como seu reino

de sacerdotes, que remonta a Gênesis 1 e 2. Adão e Eva deveriam funcionar como reis e sacerdotes.

Eles deveriam governar toda a criação como representantes de Deus. Eles deveriam ser sacerdotes na presença de Deus e adorá-lo, e agora Israel foi chamado em Êxodo 19, 6 para fazer a mesma coisa, e agora o povo de Deus, seu povo transcultural universal de todas as tribos e línguas e línguas, está agora destinado a funcionar como reis e sacerdotes em cumprimento da intenção de Deus para o Êxodo. Agora, esta nota, bem no final do versículo 10, diz que este reino de sacerdotes servirá a Deus, e eles reinarão na terra.

Agora, curiosamente, como esperamos que a maioria de vocês saiba, o Novo Testamento chegou até nós em vários manuscritos. Não temos as cópias originais do texto do Novo Testamento. Não temos a cópia original que João escreveu, mas temos cópias de cópias de cópias.

Na verdade, temos vários exemplares. Às vezes, esses manuscritos diferem ligeiramente e, através de um processo chamado crítica textual, os estudiosos conseguiram, com um alto grau de confiança, restaurar o que provavelmente foi o que João escreveu. De qualquer forma, a maioria das diferenças são pequenas, mas alguns manuscritos realmente usam o presente; isto é, eles reinam na terra.

Outros têm o futuro; eles reinarão na terra. Então, a questão é: isto é uma antecipação de um reinado futuro ou é uma antecipação de um reinado presente? Seja qual for o caso, mais uma vez, ao longo de Apocalipse, acho que fica claro que é provavelmente uma questão de ambos - e porque o povo de Deus já é um reino de sacerdotes. Deus já criou um reino de sacerdotes que representa o seu governo na terra.

No entanto, este texto talvez possa focar mais no cumprimento futuro disso, especialmente em textos como Apocalipse 20 e versículos 4 e 6. Naquela passagem sobre o reino milenar onde eles ganham vida, aqueles que sofreram e foram decapitados agora são ressuscitados, e reinarão com Cristo por mil anos, apresentando o cumprimento deste texto. Vemos também o capítulo 22 na nova criação, o fato de que o capítulo 22 versículo 5 termina dizendo: E eles reinarão para todo o sempre. Então, nesta seção, nesta última linha do versículo 10, eles reinarão na terra, talvez uma antecipação dos capítulos 20 e também dos capítulos 21 e 22, onde no futuro o povo de Deus reinará com Cristo nesta terra.

E no capítulo 22, sobre uma nova criação para todo o sempre. Mas é importante perceber que o Apocalipse em outros lugares sugere que o povo de Deus reina porque Cristo já criou através da sua morte na cruz, comprou pessoas e criou um reino de sacerdotes. Este versículo, criando um reino de sacerdotes e sugerindo que eles reinarão na terra, provavelmente também reflete o capítulo 7 de Daniel, quando

Daniel interpreta aquela visão que ele teve do filho do homem vindo ao Ancião de dias para receber um reino, para receber autoridade, glória e poder, e todos os povos se curvando diante dele.

Curiosamente, no versículo 22, no versículo 22, ele, começando no versículo 21, ele diz, enquanto eu observava este chifre travando guerra contra os santos e derrotando-os até que o Ancião de Dias veio e pronunciou julgamento em favor dos santos e do Altíssimo, e chegou o tempo em que eles possuíram o reino. Assim, até mesmo Daniel 7 inclui os santos que também possuem o reino. Agora vemos que Cristo não apenas tem a autoridade e possui o reino e o cumprimento da profecia do filho do homem em Daniel 7, mas seu povo também reinará em cumprimento de Daniel 7. Eles também possuirão o reino e reinarão no terra, que dissemos que finalmente se cumpre em Apocalipse 20, no texto do reino milenar, e depois ainda mais além disso na nova criação em 21 e 22.

Outra característica importante é esta linguagem ainda encontrada nos versículos 9 e 10, esta linguagem de pessoas de todas as tribos e línguas e povos e nações. Esta também é uma linguagem que parece vir principalmente do livro de Daniel. Na verdade, você encontra isso, você encontra uma lista semelhante de palavras que se referem a pessoas, não apenas à nação judaica, mas às pessoas geralmente gentias nas nações.

Você encontra esse tipo de linguagem em vários lugares de Daniel, por exemplo, começando no capítulo 3 e nos versículos 4 e 7. No capítulo 3, ele diz, portanto, assim que ele voltou e leu 4, que era 7, então o arauto proclamou em voz alta, isso é o que você está ordenado a fazer. Isto está no contexto de Nabucodonosor, que exige que todos se curvem diante de uma imagem. Isto é o que vocês foram ordenados a fazer, ó povos, nações e homens de todas as línguas.

Assim que você ouvir o som, você se curvará. E então, mais tarde, no versículo 7, portanto, assim que ouviram o som da buzina, da flauta, da foice, da lira e da harpa, e de todos os tipos de música, todos os povos, nações e homens de todas as línguas caíram e adorava a imagem. E então, por exemplo, no capítulo 7 e versículo 14, o que é significativo porque João se baseia em Daniel 7 neste texto, Daniel 7 diz que lhe foi dada autoridade, o Filho do Homem que vem desde a antiguidade para receber uma reino, ele recebeu autoridade, glória, poder soberano, todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram.

Curiosamente, você notará que eles tinham três categorias. Se você ler a Septuaginta, a tradução grega de Daniel, ela na verdade inclui quatro, assim como Apocalipse. Novamente, o Apocalipse tem quatro aspectos: cada tribo, língua, povo e nação.

E a tradução grega, a Septuaginta, a LXX de Daniel, também inclui uma divisão quádrupla. O que é interessante nisso é o que João faz então, e isso introduz um tema importante ao longo do resto do capítulo que tem um significado duplo. Em primeiro lugar, o povo de Deus agora que Cristo irá redimir e cumprir as suas promessas através e criar um reino de sacerdotes não está mais restrito ao Israel nacional, mas agora é um povo de Deus universal inter-transcultural que consiste em todas as tribos e língua e povo e língua, incluindo Israel, mas não mais limitado a Israel.

Ora, a fé em Jesus Cristo é o critério pelo qual alguém se torna membro do verdadeiro povo de Deus. Então, ao longo de Apocalipse, veremos isso acontecer repetidas vezes, onde as promessas feitas a Israel no Antigo Testamento agora são cumpridas, não apenas através do Israel nacional, mas através de um povo transcultural universal de Deus, pessoas de toda tribo, língua e idioma. E vemos isso aqui no fato de que Êxodo 19.6, fazendo um agora, é cumprido por um povo de todas as línguas, tribos e línguas.

A segunda razão pela qual isso é significativo é que, para que Deus estabeleça o seu reino, dissemos que parte do Apocalipse é mostrar como a soberania de Deus e o seu governo, que são perfeitamente reconhecidos no céu e realizados no céu, como isso finalmente é realizado. na terra? O que isso significa é que deve haver uma retirada ou transferência do reino de Satanás e deste mundo e dos governantes e autoridades humanas, como o Império Romano, e transferido para Deus e para o Cordeiro, Jesus Cristo. Isto também significa, porém, que Deus também tem de resgatar aqueles que estão sob o domínio de Satanás e sob o domínio do império iníquo, tal como Roma, e agora ele tem de transferi-los para o seu reino. Então, o que isso significa é que todas as nações agora, um tema importante em todo o Apocalipse, todas as nações que se encontram sob a escravidão de Satanás e sob o regime opressivo de Roma e dos reinos humanos, agora são resgatadas disso e transferidas sob o governo de Deus e o Cordeiro.

E é isso que está acontecendo aqui nos versículos 9 e 10. Deus comprou pessoas através de Jesus Cristo e agora fez delas o seu reino e sacerdotes para si mesmo, para representar o seu governo, para representar a sua presença na terra. Assim, esta transferência do reino de Satanás, da besta para Deus e o Cordeiro, também implica a transferência dos seus súditos, das pessoas de todas as nações, sob o domínio de Satanás e da besta, para agora se tornarem um reino de sacerdotes. por Deus e pelo Cordeiro.

É interessante, também, que alguma forma desta frase, nações, pessoas, tribos, línguas, etc., alguma forma desta frase ocorre sete vezes ao longo de Apocalipse. Então, isso provavelmente é deliberado, não uma coincidência. João provavelmente repetiu deliberadamente esta frase sete vezes.

Você o encontra aqui no capítulo 5 e versículo 9. Nós o encontraremos no capítulo 7 e versículo 9, no capítulo 10 e versículo 11, no capítulo 11 e versículo 9, e no capítulo 13 e versículo 7 no contexto do governo da besta. sobre a terra, então capítulo 14, versículo 6, e finalmente capítulo 17 e versículo 15. Então, nesses sete tempos, você encontra alguma versão desta frase quádrupla que encontramos aqui no capítulo 5 e versículo 9, pessoas de todas as tribos e línguas e pessoas e nação. Por fim, a última coisa que quero dizer está, curiosamente, nos capítulos 5, 11 e 12, especialmente no versículo 12, que constitui o hino que foi cantado em louvor e honra a Jesus Cristo, celebrando o fato de que Ele é digno, juntamente com o próprio Deus, Ele é digno de ser adorado por toda a criação, e Ele é digno de pegar o pergaminho, abri-lo e colocar seu conteúdo em movimento.

Observe as atribuições dadas a Ele, Àquele que está sentado no trono, e sinto muito, digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder e riqueza e sabedoria e força e honra e glória e louvor. Observe, curiosamente, que isso é sete vezes maior. Observe que há sete elementos mencionados : louvor e honra, glória e poder, e estou no versículo 13, poder e riqueza e sabedoria e força e honra e glória e louvor.

Existem sete elementos dados, novamente, provavelmente para indicar a plenitude ou perfeição da adoração e louvor dado a Cristo e o louvor que Ele merece. É intrigante. Você pode encontrar numerosos paralelos com isso no Antigo Testamento.

Uma das mais intrigantes é a oração de Davi em 1 Crônicas, capítulo 29, versículo 11. Lerei o versículo 10 também. Davi louvou ao Senhor na presença de toda a congregação, dizendo: Louvado sejas, Senhor, Deus de nosso pai Israel, de eternidade em eternidade.

Tua, ó Senhor, é a grandeza e o poder e a glória e a majestade e o esplendor porque tudo no céu e na terra é teu. Você pode encontrar outros louvores semelhantes, mas, curiosamente, acho que você tem, não por coincidência, mas intencionalmente, não apenas alusões ao Antigo Testamento, louvor dado a Deus e agora dado a Cristo, mas é intrigante que seja sete vezes maior. Novamente, provavelmente o número sete indica perfeição e completude.

Agora, curiosamente, para contrastar isso com o próximo e último hino que é cantado no versículo 13, onde todas as criaturas no céu e na terra e debaixo da terra vêm, e agora cantam para aquele que está sentado no trono e para o Cordeiro, e aqui está o que eles dizem, é louvor e honra e glória e poder para todo o sempre. Amém. É interessante que esse elogio seja apenas quádruplo.

Há apenas quatro itens mencionados, embora se sobreponham ao que foi dito anteriormente ao Cordeiro. No entanto, é intrigante que apenas quatro sejam

mencionados. Eu sugeriria que, novamente, talvez isso seja intencional. Quatro é o número que sugere toda a terra, como os quatro cantos da terra.

Conversamos um pouco sobre isso, sendo o quatro um símbolo de toda a criação. Isso seria apropriado aqui porque no início do versículo 13, é toda a criação que dá louvor a Deus. Então, é natural que o número quatro desempenhe um papel, e haverá quatro elementos correspondentes a toda a criação, a totalidade da criação agora adorando a Deus.

Novamente, isso provavelmente antecipa a adoração e louvor universais que são óbvios e presentes na nova criação nos capítulos 21 e 22. Assim, o capítulo 5 demonstrou que Deus é o criador de todas as coisas e, por causa disso, Deus é um criador soberano. de todas as coisas e soberano sobre toda a sua criação. Por essa razão, ele é digno de adoração. E, portanto, todo o céu rodeia o trono de Deus, o símbolo do seu poder, autoridade e soberania. Toda a criação rodeia Deus, reconhecendo a sua santidade e soberania sobre toda a ordem criada.

Mas é importante perceber que Deus não abandonou a sua criação. A suposição, em certo sentido, a suposição entre os capítulos 4 e 5 é que o pecado de alguma forma manchou e prejudicou a ordem criada. Então, capítulo 5, assumindo o pecado e assumindo o mal, assumindo que Satanás é agora o governante do mundo, assumindo que a besta agora controla coisas que no primeiro século, na forma do Império Romano, governavam regimes maus, perversos e opressivos. esta terra com Satanás sendo o principal ímpeto por trás disso.

Mas o capítulo 5 nos diz que Deus não abandonou a sua criação, mas em vez disso Deus agiu agora para recuperar e redimir a sua criação, focada principalmente no seu povo. Mas veremos no capítulo 21 e, eventualmente, a terra física também. Portanto, Deus não abandonou a sua criação, mas através da morte sacrificial do seu filho, que venceu, Deus estabeleceu um plano, pôs em marcha um plano para recuperar a sua criação, para corrigi-la, para resgatá-la dos poderes opressivos de Satanás. e o mal e a besta, e restaurá-lo ao seu objetivo pretendido em um novo ato criativo que encontramos consumado nos capítulos 21 e 22 do Apocalipse.

Então, tendo olhado para o capítulo 5, o cenário agora está definido por ter alguém que é digno de pegar o pergaminho e abri-lo, Jesus Cristo, através de sua morte sacrificial, encontrando alguém que é digno agora de pegar o pergaminho e abri-lo, o pergaminho que contém o plano de Deus para julgamento e salvação e para estabelecer seu reino. O cenário agora está montado para Apocalipse capítulo 6. E novamente, o capítulo 6 devemos entender como uma continuação do capítulo 5. Isso porque o que acontece agora no capítulo 6 é que os selos que estão selando o livro do capítulo 5 estão agora abertos. E à medida que cada um dos sete selos for retirado do livro, algo acontecerá no capítulo 6. A outra coisa interessante sobre o capítulo 6 é que a cena agora vai mudar.

Nos capítulos 4 e 5, a cena era celestial, onde João, como vimos no início do capítulo 4, João é convocado ao céu e é-lhe permitido ter um vislumbre da soberania de Deus, ver algo do desdobramento do propósito de Deus. planejar a redenção e a salvação e reivindicar para si a sua criação e o seu povo. John teve o privilégio de ver isso em uma visão. Agora a cena volta para a terra quando este pergaminho que ele viu no céu começa a ser aberto pelo Cordeiro, que é digno de fazê-lo.

O pergaminho começa a ser aberto, e começamos a ver como tanto o julgamento quanto a salvação, especialmente o julgamento, serão agora emitidos do trono e do selo, novamente como Cristo o segura e começa a abrir seus selos como resultado de sua morte. e ressurreição e sua autoridade e habilidade para fazê-lo. Agora, o que há de único no capítulo 6, que narra a abertura dos sete selos do livro no capítulo 5? O que é único está no capítulo 6, e veremos isso acontecendo em outro lugar, mas no capítulo 6, apenas seis dos selos são liberados. Na verdade, o sétimo selo não é aberto até o capítulo 8. No meio, há um capítulo, o capítulo 7, que funciona. A maioria dos comentários diz que funciona como um interlúdio, e provavelmente há alguma verdade nisso.

Embora eu não queira dizer que é uma digressão que nada tem a ver com os selos, isso também seria incorreto. Veremos o Capítulo 7 e falaremos um pouco sobre sua função quando chegarmos lá. Mas quando lemos o capítulo 6, como faremos daqui a pouco, a primeira coisa que você nota é que apenas seis dos selos são realmente abertos ou deslacrados, e o sétimo não é retirado até o início do capítulo 8. E então há aquele capítulo intermediário, o capítulo 7, sobre o qual falaremos mais tarde.

Outra característica interessante dos selos no capítulo 6 é que o último, o selo número 6 nos versículos 12 a 17, parece nos levar ao fim da história. Parece levar-nos até ao julgamento final, que os teólogos chamam de segunda vinda de Cristo. E falamos um pouco sobre isso na introdução de Apocalipse.

O livro, em certo sentido, poderia parar aqui temporariamente. Seria um final muito insatisfatório porque não diz nada sobre a salvação do povo de Deus. O capítulo 6 termina com uma cena de julgamento.

Mas parece levar-nos até ao fim do mundo, à segunda vinda de Cristo. Embora, como você sabe, ainda tenhamos vários capítulos pela frente, mais 18 capítulos em Apocalipse. Mas, como dissemos, o Apocalipse parece girar temporariamente.

Ou seja, dá-lhe diferentes imagens e diferentes perspectivas dos dias de João culminando no encerramento da história, vendo isso à luz do pano de fundo da intenção de Deus para o fim da história e para a sua consumação final da história e do seu plano para o julgamento final e a salvação. E descobrimos que isso já está acontecendo aqui. Veremos mais sobre isso em um momento.

Outra característica importante a ser entendida é que os primeiros quatro selos parecem andar juntos, como a maioria das pessoas reconhece. Eles estão unidos a partir de duas perspectivas. O número um é o fato de que apenas os primeiros quatro selos são identificados como cavalos.

E veremos por que isso acontece. Então, literalmente, os primeiros quatro selos estão unidos porque todos os quatro são representados por quatro cavalos. E depois, em segundo lugar, logicamente, eles parecem andar juntos, como veremos daqui a pouco.

Ou seja, logicamente, os primeiros quatro selos parecem estar interligados. Eles parecem resultar ou estar relacionados entre si também. E veremos isso.

Antes de examinarmos o capítulo 6 com mais detalhes e lermos novamente, quero ler o capítulo 6, mas quero levantar brevemente uma questão que poderemos tratar com um pouco mais de detalhes quando chegarmos aos capítulos 8 e 9, e também o capítulo 16. E isso é algo que você nota quando lê Apocalipse. Uma característica proeminente do livro é que parece, pelo menos no centro dos capítulos 4 a 22, mais ou menos no centro desta seção, uma das características predominantes é a repetição tripla de sete pragas na forma de sete selos. , sete trombetas e sete taças.

Os sete selos encontrados aqui nos capítulos 6 e 8, e depois nos capítulos 8 e 9, narram as sete trombetas. Sete trombetas são tocadas e mais pragas acontecem. E então, finalmente, no capítulo 16, encontramos sete taças derramadas.

Portanto, esta série tripla de setes na forma de sete selos, sete trombetas e sete taças parece desempenhar um papel crucial nesta seção do Apocalipse. E uma das questões que se levanta é: a que se referem? A que se referem essas três séries de setes? E como eles se relacionam? Como estão todos na série de sete, são todas pragas, pragas de julgamento que acontecem na Terra e atingem a Terra e a humanidade. E especialmente quando chegarmos aos capítulos 8, 9 e 16, veremos que há um pouco de sobreposição com os julgamentos que ocorrem nessas duas seções.

Então, a questão é: o que são e como se relacionam? Uma possibilidade para explicar o relacionamento deles é ver esses três conjuntos de sete. Novamente, estamos falando sobre os selos, trombetas e taças nos capítulos 6 a 16. Uma maneira de ver isso é que essas séries de julgamentos acontecem em sequência cronológica.

Ou seja, antes de mais nada, os selos acontecem quando terminam, depois acontecem as trombetas, e quando terminam as trombetas, acontecem as taças. Portanto, há uma progressão entre os três grupos de sete. E alguns diriam até que poderiam até funcionar de forma telescópica.

Lembre-se de que dissemos que o sétimo selo não será liberado até o capítulo 8, mas os capítulos 8 e 9 contêm as trombetas. Então, alguns sugeriram que o sétimo selo realmente contém as trombetas. Então você notará que a sétima trombeta só será aberta mais tarde, no capítulo 11.

Alguns sugeriram que a sétima trombeta contém, na verdade, sete taças. Então, é como um telescópio, e cada um contém o resto das seções conforme você o puxa. Assim, muitos têm visto os selos, as trombetas e as taças como indicando uma sequência cronológica.

Em primeiro lugar acontecem os selos, seguidos das trombetas, seguidas das taças. Outra visão importante e comum que depende de ver o Apocalipse como uma espécie de ciclo que se repete é a chamada visão da recapitulação. Ou seja, todas as três séries de sete, os selos, as trombetas e as taças, referem-se aproximadamente aos mesmos eventos durante o mesmo período de tempo.

Greg Beal e, em seu comentário sobre Apocalipse, defende essa abordagem e argumenta que quando você olha para elas com cuidado, especialmente as trombetas e as taças, a razão pela qual muitas delas são semelhantes é porque se referem aos mesmos eventos. E ele diria que o mesmo acontece com os selos no capítulo 6. Portanto, os selos, as trombetas e as taças não se referem a diferentes eventos, julgamentos e períodos de tempo. Isto faz parte da natureza cíclica ou recapitulação da Revelação.

Isto é, são simplesmente três perspectivas diferentes sobre o que Beal argumenta ser toda a história da Igreja. Toda a história da Igreja, começando no primeiro século e conduzindo à segunda vinda de Cristo, pode ser caracterizada por estes julgamentos que Deus derrama sobre a terra. Então, o que devemos entender é que estes não estão em sequência cronológica, mas sim repetidos.

Novamente, existem diferentes perspectivas e diferentes maneiras de encarar o mesmo evento. Pode-se compará-lo a assistir a uma jogada de futebol, beisebol, basquete, futebol ou qualquer outra coisa sob diferentes perspectivas. Você vê o evento em tempo real, mas então a equipe de filmagem diminuirá a velocidade em um replay instantâneo e lhe dará outra foto disso.

Então, talvez de um ângulo diferente e ampliado, eles lhe darão outra visão. É tudo o mesmo evento na mesma peça, mas de perspectivas diferentes. Essa pode ser uma maneira de entender esse modo de olhar para as trombetas ou os selos, as trombetas e as taças.

Outra maneira de encarar a questão, que preferirei, mas examinaremos com mais detalhes quando chegarmos aos capítulos 8, 9 e 16, é o que poderia ser chamado de

visão progressista. Ou seja, meio que combina um e dois. Há alguma sobreposição entre os três, mas também há uma progressão temporal e de intensidade.

Isto é, provavelmente, os selos no capítulo 6 representam eventos que caracterizarão toda a história da igreja a partir do primeiro século. Vou argumentar isso em um momento quando olharmos para o capítulo 6 e os selos. Veremos que estas coisas já caracterizam o julgamento de Deus sobre o Império Romano.

Então, os selos já estão acontecendo e provavelmente continuarão até a vinda de Cristo. Contudo, as trombetas então retratarão eventos que se sobrepõem até certo ponto aos selos, mas provavelmente mais intensos e um pouco mais próximos de uma perspectiva mais próxima do fim, a segunda vinda de Cristo. Então, finalmente, as taças no capítulo 16 devem ser retratadas como ocorrendo principalmente de forma ainda mais intensa e de uma perspectiva mais próxima do fim da segunda vinda de Cristo, caracterizando os julgamentos que serão derramados até o dia do Senhor e até o fim.

Então, entendendo dessa forma, pode haver alguma progressão ou sobreposição no que diz respeito ao tempo e aos julgamentos, mas há uma intensificação e uma progressão temporalmente. Então, é como se o autor começasse com os selos e olhasse para o julgamento de Deus que leva ao fim, depois volta atrás, mas de uma perspectiva mais próxima e intensa, descreve os julgamentos de Deus que levarão ao fim e depois volta mais uma vez, mas de uma perspectiva final ainda mais intensa, olha para os julgamentos finais de Deus que ele derrama logo antes de consumir a história no final. Algumas coisas que podem sugerir isso é que quando você lê as trombetas ou os selos, trombetas e taças, observe que todos eles parecem levá-lo até o fim.

Observe que Apocalipse capítulo 6, o selo final, selo número 6, como dissemos, e como veremos quando olharmos mais de perto esta seção, leva você ao fim, ao dia do Senhor, o dia da vinda de Deus. ira e a ira do Cordeiro. Então, você já está no fim, e o mesmo acontece com as trombetas nos capítulos 8 e 9. A sétima trombeta é tocada no capítulo 11 e usa uma linguagem que parece sugerir que você está no fim. O reino de Deus, o reino de Cristo, finalmente chegou, e então o capítulo 16 obviamente traz você até o fim também.

Então, em outras palavras, todas as três séries levam você ao fim, mas cada uma é de uma perspectiva mais intensa e próxima, um pouco mais perto do fim, da consumação da história, do julgamento final de Deus sobre a terra. A segunda coisa é observar as frações utilizadas. Os selos num só lugar, os selos acabam prejudicando um quarto da humanidade, enquanto as trombetas acabam prejudicando um terço da terra e um terço da humanidade, um número um pouco maior.

Quando você olha para as taças no capítulo 16, não há limite para o julgamento delas. Então, novamente, parece haver uma progressão tanto temporal quanto em intensidade também. Novamente, o quarto e o terço não devem ser considerados com estrita precisão matemática. Como dissemos, as frações sugerem intensidade, mas há uma limitação no que podem fazer.

E assim, não precisamos de somar o tamanho da população hoje e imaginar exatamente um quarto dela, e depois o que resta de um terço das trombetas. Essa não é a questão. O um quarto e um terço sugerem intensidade, mas limitação.

Mas a limitação torna-se menor, de modo que os julgamentos das tigelas não têm limites algum. E o derramamento final de Deus de seus julgamentos antes do fim do mundo e da segunda vinda de Cristo. Um outro item a dizer sobre estes é que o número sete provavelmente sugere que não devemos tomá-los como sete julgamentos literais que ocorrem nessa ordem.

Primeiro acontece este, e depois este. Mas, novamente, sete é o número da perfeição e completude, o julgamento perfeito e completo de Deus expresso nos selos, nas trombetas e nas taças. Assim, o sete sugere novamente não necessariamente sete julgamentos sequenciais, mas sete desempenhando a sua função e papel simbólico típico.

Todos os selos, então, no capítulo seis, serão preparados e funcionarão como uma espécie de prelúdio para o tempo final do julgamento. E quero falar sobre isso novamente mais tarde. Mas tudo isso são simplesmente uma espécie de tiros de alerta, uma espécie de antecipação, avisos do julgamento final que ainda está por vir.

Leremos sobre isso nos capítulos 19 e 20.

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 10, Apocalipse 5 e 6, o Cordeiro e a Introdução aos Selos do Pergaminho.